

A EDUCAÇÃO POPULAR ENQUANTO UM SABER DA EXPERIÊNCIA

FEITOSA, Débora Alves – UNEB / CESB

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: CAPES

A discussão que pretendo desenvolver ocorre em torno da compreensão da Educação Popular enquanto Saber de Experiência e tem sua origem em pesquisa desenvolvida para tese de doutorado, cujo objetivo principal foi descrever o Cotidiano de uma unidade de separação de resíduos sólidos urbanos, identificando as ações e relações sociais compreendidas enquanto atitudes de Cuidado com o Ser e com o ambiente. Outra preocupação da pesquisa foi identificar a Educação Popular enquanto interface do universo pesquisado, considerando o Galpão como um espaço mediador de aprendizagens e de construção de saberes que se sistematizam a partir da convivência e se apresentam através das relações, das ações dos sujeitos.

A investigação teve como base o método fenomenológico, a partir do qual faço uma descrição do local, das ações dos sujeitos, dos fatos ocorridos, colocando em relevo a tessitura do Cotidiano constituído pelas pessoas que nele operam as trocas, a convivência, os conflitos. A descrição não se propõe fazer uma categorização, conceituação, explicação e delimitação de juízo. Propõe-se, sobretudo, a abrir horizontes de compreensão dos fenômenos investigados. A Fenomenologia por sua vez, apóia-se “(...) nos dados da existência concreta, nas coisas que aparecem no campo da nossa experiência. (...) A Fenomenologia não explica os acontecimentos de fora, como o cartesianismo, mas tenta compreendê-los a partir de dentro, mesmo que nunca chegue a ter ‘idéias claras e distintas’” (GEBARA, 2000, p. 43).

A Descrição é um recurso metodológico que se presta para uma *mostração do dado societal*, ou seja, mostrá-lo sem uma explicação *a priori*, ou mostrar a vida social como ela é, pois, “(...) o próprio da descrição é, justamente, o respeito pelo dado mundano. Ela se contenta em ser acariciante, em mais acompanhar do que subjugar uma realidade complexa e aberta” (MAFFESOLI, 1998, p. 116). As informações foram colhidas através de observações sistemáticas realizadas durante um ano, com registro em Diário de Campo. Através deste instrumento descrevi o desenrolar da atividade de separação, ouvindo conversas casuais, capturando os olhares, os barulhos diversos que demarcam um galpão de separação, sentindo os cheiros do lixo remexido e muitas vezes

em estado de decomposição, vendo a poeira que passeia pelo ar e torna insalubre aquele local de trabalho.

A observação constituiu-se enquanto subsídio para as entrevistas realizadas de forma semi-estruturada, operando como um instrumento importante para esclarecer os fatos observados, compreender melhor a dinâmica das relações, registrar o discurso dos sujeitos, seus entendimentos e pontos de vistas sobre o tema em foco. Através deste recurso pude identificar o que chamei de Saber de Experiência, capturando nas falas dos entrevistados as compreensões construídas a partir de sua vivência. Como a explicitação de um saber ambiental, por exemplo, que é apreendido a partir do trabalho que realizam e é disseminado pelos recicladores entre os vários grupos de visitantes que comparecem ao Galpão para conhecerem mais sobre a atividade ali desenvolvida.

Delineando o Cenário da Pesquisa

Foi no contexto da crise ambiental gerada por um modelo de produção que tem como característica a utilização de padrões tecnológicos baseados na exploração exaustiva da natureza, que em longo prazo provoca o esgotamento da matéria prima natural, a degradação da qualidade de vida, a concentração de renda e a diminuição dos postos de trabalho, que os resíduos sólidos surgiram como um agente importante na adoção de um modo diferente de produção. Um modelo que utilize o reaproveitamento e faça o manejo adequado dos materiais, e que represente um campo de geração de emprego e renda para os desempregados sem possibilidade de acesso ao mercado de trabalho formal.

São poucos os municípios brasileiros que oferecem o sistema de Coleta Seletiva como um serviço público. Em contrapartida, estima-se que mais de 500 mil pessoas têm como fonte de renda a catação de resíduos sólidos urbanos. Em Porto Alegre, a atividade de catação de materiais recicláveis ganhou visibilidade a partir da década de '80, com a presença de homens e mulheres recolhendo os resíduos nas ruas da cidade. Em outubro de 1990, através da Lei Complementar nº. 27 foi instituída a Coleta Seletiva em todo o município, em cumprimento ao artigo 227 da Lei Orgânica Municipal (CABRAL, 2001).

Com a implantação da Coleta Seletiva, a prefeitura criou galpões para triagem dos resíduos oferecendo espaço físico, equipamentos, assessoria jurídica e administrativa

para legalização das associações responsáveis pela gestão dos galpões. Segundo dados¹ do DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana), cerca de 700 pessoas trabalham formalmente no processo de separação de materiais recicláveis, organizados nas unidades de triagens e estima-se que milhares estejam informalmente nessa atividade.

O galpão onde se desenvolveu a pesquisa está situado na cidade de Porto Alegre e ocupa cerca de 40 pessoas, majoritariamente mulheres, mães, responsáveis pela subsistência da família. A jornada de trabalho é de sete horas diárias e a remuneração é por produtividade, e esta por sua vez sofre influência do volume de lixo recolhido pelo DMLU. Com a popularização da reciclagem de materiais, diminui a cada dia a quantidade de lixo destinado às unidades de triagem.

Para o levantamento de dados foram escolhidas oito pessoas, dentre lideranças e gestores do Galpão e separadores de ambos os sexos. As visitas periódicas ao local da pesquisa por um tempo considerável permitiram, acompanhar momentos diferenciados: desde crise gerada pela baixa remuneração, à troca de gestores, as festas e confraternizações, às inúmeras tentativas de fortalecer institucionalmente o Galpão e proporcionar melhores condições de trabalho e sobrevivência para as famílias que ali atuavam.

Em outros estados da federação, em geral os catadores estão ligados ao movimento dos cooperativados ou a Organizações não Governamentais- ONG's ambientalistas, caracterizando-se como iniciativas da Sociedade Civil, fazendo parte de uma rede de articulação do conjunto dos movimentos sociais. Em Porto Alegre, existe um diferencial porque as unidades de triagem são parte de uma ação do poder público circunscritos a um programa político administrativo². Mesmo tendo surgido da articulação de grupos populares e contando com o apoio de religiosos dedicados às causas populares, a nuance do Movimento Popular, ou mesmo as características dos movimentos sociais, não é predominante em todos os galpões, caso do cenário desta pesquisa.

¹ Matéria publica no Jornal Zero Hora (Porto Alegre-RS), em 28/10/2004. “Quanto custa errar na separação do lixo”.

² Refiro-me à Administração Popular e Democrática, exercida pelo Partido dos Trabalhadores, no período de 1989 a 2004, na Prefeitura Municipal da cidade de Porto Alegre.

As características do grupo pesquisado se aproximam da descrição dos novos movimentos sociais feita por BRANDÃO (2002 p. 267):

Alguns dentre os *novos movimentos sociais* (grifo do autor) pensam o amanhã como o agora e praticam uma política de direitos do cotidiano. As reivindicações são, em muitos casos, relativas a exigências e cobranças imediatas, em nome de soluções justas a problemas solúveis, desde que haja vontade política.

O grupo de recicladores, apresentado como sujeito desta investigação, tem características particulares, até mesmo com relação aos movimentos ecológicos, que para muitos autores (BRANDÃO, 2002; CARVALHO, 2001; MARTINEZ ALIER, 1998) são considerados como Novos Movimentos Sociais. Pode-se ainda relacionar ao que Martinez Alier (1998, p. 37) denomina como “movimento ecológico dos pobres” por suas lutas ocorrerem pela sobrevivência, sendo movimentos ecológicos que têm como objetivo preservar a natureza porque a tem como fonte de atendimento de suas necessidades ecológicas para a vida: energia, água e ar limpos, espaços para morar.

Segundo Martinez Alier (1998) existe uma diferença entre este ecologismo, que sempre existiu enquanto prática de defesa da sobrevivência, desenvolvido pela população pobre no mundo, e o “ecologismo de abundância”, oriundo dos países ricos e consumidores preocupados em recuperar o ambiente por eles degradado como modo de garantir sua qualidade de vida.

É necessário marcar a diferença do grupo estudado no que diz respeito às suas características com relação ao Movimento Social clássico e mesmo dos Movimentos Ecológicos ou Ambientalistas. No que diz respeito ao interesse da pesquisa, para além de uma classificação ou catalogação, capturei no grupo investigado uma prática de relação humana e de produção de saberes que identifiquei enquanto Educação Popular, por compreender que esta...

Não é tanto uma teoria ou um método restrito de trabalho pedagógico atrelado a uma tendência ideológica única a respeito da pessoa humana, da sociedade e da educação. Ela é o imaginário e a vocação múltipla de uma ou de algumas vocações de escolhas. Escolhas de sujeitos, de modos de interação, de sentidos e de significados dados a destinos humanos através do saber. Escolhas que, uma vez estabelecidas, podem ser pensadas dentro de mais de uma teoria e podem ser realizadas por meio de mais do que um único método (BRANDÃO 2002 p. 41).

Identifico neste trabalho à Educação Popular não somente nas características do grupo investigado, mas principalmente na natureza do saber que ali se sistematiza. Nos objetivos comuns que levou este grupo a conformar-se enquanto tal, nos vínculos que se produzem e também na natureza do olhar e da interlocução que é necessário estabelecer com estas pessoas para melhor compreendê-las e, portanto, para tentar apresentá-las como elas são, como orienta os estudos fenomenológicos. Procurei sempre me aproximar da dinâmica que atravessa o grupo de recicladores com o intuito de compreendê-lo na sua complexidade, tecida pelas contradições, tensões, ambigüidades que enriquecem um Cotidiano que não se presta para um olhar classificatório e explicativo.

A compreensão de Cotidiano³ considerada neste trabalho é a de que este seja um tempo-espaço constituído a partir da conjunção dos minúsculos acontecimentos, das múltiplas situações, dos diversos entrecruzamentos dos fatos que marcam a vida social e subjetiva de um grupo. Das contradições e pluralidades que perpassam as ações desse coletivo. Ou seja, é numa perspectiva inclusiva (e/e) de compreensão cuja trama social é tecida por diversos fios com diferentes matizes, garantindo uma organicidade e um equilíbrio que possibilita relativizar a tragédia cotidiana, apontando para uma atitude de aceitação da vida, expressando uma potência incomum, “um querer viver” (MAFFESOLI, 1985), um “*amor fati*” (NIETZSCHE, 2002)⁴, diria, uma forma sábia de viver as tragédias do Cotidiano.

Para Maffesoli (1985), o “querer viver”, é uma espécie de conservatório energético da vida social que proporciona a exaltação da vida, atitude que pude identificar no Cotidiano do espaço investigado, pois, embora a remuneração pelo trabalho que realizam seja insatisfatória, os recicladores reiteram que gostam do trabalho que realizam e que não gostariam de mudar de atividade porque valorizam a autonomia que esse ambiente lhes proporciona e reconhecem que, apesar de tudo, é importante contar com a solidariedade dos companheiros de trabalho:

(...) Eu acho interessante trabalhar com lixo. Porque além do trabalho a gente está fazendo um bem pra... Para o mundo bem dizer, para a cidade, para as

³ Nas Ciências Sociais, Cotidiano é um campo conceitual polissêmico, com abordagens críticas, e, abordagens tidas como Pós-Modernas, que preferem realizar uma leitura positiva desse conceito (Cf. TEDESCO, 1999).

⁴ Para Nietzsche, *Amor fati* significa não evitar, não se conformar e menos ainda dissimular o seu destino, mas afirmá-lo, amar o que não pode ser mudado, mesmo sendo trágico e imprevisível e por isso mesmo potencialmente plural.

peças, tudo isso aí. E aqui eu tenho a parceria com as minhas colegas. Ah! A gente brinca não é, tem horas que tem aquelas discordâncias tu brinca com a pessoa e ela não gosta, mas, no mais é bom por causa disso, está toda hora brincando, sempre inventando uma coisa e outra, aí passa o tempo, quando você está chateada também sempre tem um para soltar uma brincadeira, e isso é bom! Em outro setor de serviço tu já ficas mais isolada, eu gosto desse movimento porque eu não gosto de me sentir sozinha, nunca gostei, então para mim é bom (MARGARIDA DO CAMPO).

É com simplicidade que a entrevistada exprime sua opinião sobre seu trabalho e os aspectos positivos que dele desfruta. Esse modo de “estar-junto” é a base para a sustentação dos laços sociais estabelecidos nesse espaço. A ambivalência marcada pelo trágico e o anedótico pontilham e estabelecem as relações, constitui o dado social apresentado como tecido que sustenta o Cotidiano, a vivência coletiva atravessada pela tensão e a harmonia conflitual que consiste em uma composição e integração desses opostos (MAFFESOLI, 1988), das múltiplas situações que constituem este espaço de com-vivência produzindo uma liga, “uma mística do estar-junto”.

As Práticas e os Saberes Populares.

Em todos os seus “tempos⁵”, a Educação Popular esteve preocupada em fazer uma crítica à Educação vigente buscando estabelecer outros processos educativos onde os “sujeitos das classes populares não fossem compreendidos como beneficiários tardios de um serviço, mas como protagonistas emergentes de um processo”, (BRANDÃO, 2002 p. 142). Nesta perspectiva, apreendo a Educação Popular como um Saber de Experiência constituído e exercitado por grupos populares em seu Cotidiano. Saber que abrange a subjetividade do sujeito, traduzida em uma forma de como este se relaciona e convive com o outro. Jorge Larrosa nos apresenta uma compreensão significativa sobre o saber de experiência:

⁵ Brandão (2002) identifica cinco momentos na história da educação brasileira que contribuem para a constituição da identidade da Educação Popular: 1) a criação das escolas anarquistas no final do Século XIX, início do Século XX; 2) os movimentos por escolas públicas gratuitas e laicas, na década de 20; 3) a década de '60 foi marcada pelo surgimento de Paulo Freire e dos círculos populares de cultura, fatos que proporcionaram a sistematização de um ideário e de experiências do que hoje conhecemos por Educação Popular; 4) as lutas da Sociedade Civil por democracia nas décadas de '70 e '80 ocorreram, também, através das organizações populares estreitamente vinculadas as idéias e práticas da Educação Popular. Com a abertura política estas ações ganharam força dando uma dimensão latino-americana à Educação Popular, aglomerando pessoas e idéias em várias partes do mundo; 5) o último momento está vinculado às chamadas administrações populares e democráticas, que incluem o ideário e as práticas da Educação Popular no corpo das suas políticas públicas de educação.

O saber de experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LARROSA, 2002, p. 27).

Identifiquei como Educação Popular os acontecimentos que atravessam o Cotidiano do grupo de recicladores, no qual foi possível observar as trocas de experiência e de afeto que se estabelecem em uma com-vivência. Observei que neste espaço se aprende sobre o trabalho, mas se aprende também sobre as relações convencionais, sobre a constituição de um *ethos* social que caracteriza o grupo. Entendo que este modo de aprender e de saber se diferencia de um modo de educação vista como ilustração, que ensina pelo processo de assimilação de uma informação externa (UNGER, 2001) e, às vezes, um pouco distanciada do universo daqueles que a recebem. No caso do grupo de recicladores, existe uma resistência com relação aos grupos que freqüentemente se oferecem para ensiná-los alguma coisa⁶.

Compreendo que o fenômeno que estou identificando como Educação Popular se aproxima do entendimento ampliado do conceito de educação, onde a formação transcende a apreensão de conhecimentos, e antes de tudo se apresenta enquanto um processo de humanização e de formação do sujeito em suas várias dimensões.

Nessa perspectiva, Educação Popular no espaço do Galpão e para o grupo que lá transita, se constitui e se revela, enquanto atitude de relação com o outro, relação que comporta o afeto, no sentido mesmo do ato que toca o outro; a tensão que provoca tanto a manifestação da proximidade quanto da indiferença de alguns; que provoca a solidariedade de uns e a resistência de outros. Enfim, a sabedoria revelada no modo de transitar neste universo caracterizado por aspectos tão diversos e díspares é o que compreendo enquanto a interface da Educação Popular. O malabarismo exercido por alguns sujeitos revela um conhecimento da natureza humana, uma sabedoria para lidar com os conflitos, relativizando as tensões que atravessam permanentemente este grupo,

⁶ Durante a pesquisa tive a oportunidade de acompanhar a tentativa de um grupo de alunos de uma Universidade local, desenvolver no galpão uma oficina de reaproveitamento de pneus para confecção de vasos, lixeiras e sandálias. Dez pessoas se inscreveram para a oficina, mas somente quatro compareceram. O curso terminou com uma única recicladora, a evasão foi a forma de resistência mais visível à relação que se estabeleceu entre o grupo de alunos instrutores e os alunos aprendentes.

preservando os laços que os mantêm juntos, favorecendo a sustentação desta trama social.

O que identifiquei como interface da Educação Popular no Cotidiano do Galpão é um saber de experiência, sendo este entendido como o saber “que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 27).

Enquanto observadora, admirou-me a forma como aquelas pessoas jogam com os fatos cotidianos, como estes os tocam sem os dominar, sem os fazer esmorecer. Falo de fatos dramáticos, como as doenças que os acometem, a baixa renda que limita as condições de sobrevivência. Falo das tristezas produzidas por todos estes acontecimentos que fazem a tragédia cotidiana e que poderiam torná-los ranzinzas, cabisbaixos, desanimados ou sisudos. Chamou-me atenção vê-los transformar suas tragédias em anedotas, produzindo uma espécie de catarse que não vem através das lágrimas, mas do riso, do escárnio.

Tal atitude não quer dizer descaso com o que lhes acontece, mas no meu entendimento traduz uma forma de saber lidar com sua realidade e de como se dispor para esta realidade:

O saber de experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida (LARROSA, 2002, p. 27).

Este é um saber orgânico (MAFFESOLI, 1998) que germina na experiência das relações sociais, atravessadas pelas polaridades que caracterizam as interlocuções humanas. Um saber enraizado no senso comum, que não tem a pretensão de normatizar ou pôr em julgamento, preferindo acompanhar os movimentos do corpo social, aprendendo e constituindo-se nele. Os saberes e as práticas sociais aqui identificadas como Educação Popular têm fundamento em um pensamento sensível, onde a monovalência da razão dá lugar à coerência complexa e precária dos fenômenos sociais; onde o discurso pode ter como substrato à experiência, o vivido. Maffesoli faz uma aproximação do pensamento sensível com a estética da figura de Dioniso, como uma forma análoga de representar a multiplicidade de práticas sociais e emoções vividas em comum, e que pode aproximar-se de um entendimento de Educação Popular:

Como um saber dionisíaco que reconhece essa ambivalência emocional, descreve seus contornos, participando, assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva. (...) É assim, igualmente, que opera o mundo poético do conhecimento: fazer sobressair aquilo que é, já, aqui, e dar-lhe um estatuto epistemológico (MAFFESOLI, 2003, p. 193).

Como um fio de Ariadne, o que orientou minha reflexão foram às atitudes espontâneas observadas ao longo da pesquisa, e as atividades programadas pelo grupo nas quais procurei identificar os saberes por eles operados. Dentre estas atividades está a visita guiada, onde uma ou mais recicladoras, dependendo do tamanho do grupo, é destacada para apresentar o Galpão, explicando cada etapa do processo de separação. A visita guiada não é uma atividade esporádica ou acidental, ela é previamente agendada pelos interessados com a direção do Galpão, que, por sua vez, escolhe a pessoa mais adequada para desenvolvê-la.

As mulheres⁷ recicladoras realizam ainda, palestras nas escolas do bairro, momento em que elas prestam esclarecimentos sobre sua atividade e a importância de práticas ambientais como a separação dos resíduos sólidos domésticos:

Eu fiz três meses de palestra o ano passado (2003) na Escola Grande Oriente. Porque ali nós temos 400 crianças no turno da manhã, 400 no turno da tarde e 100 adultos no turno da noite. E o que nós queríamos com estas palestras: conscientizar a comunidade para eles entenderem a importância da separação do lixo, a importância de não colocarem o lixo no valão. Com esse trabalho, nós tivemos um bom retorno. Hoje nós temos um PEV (posto de entrega voluntária) na escola. As crianças separam o material em casa e levam para lá, e a prefeitura traz para o Galpão (MARIZA)⁸.

Nestas atividades, as mulheres dão informações sobre como executam a separação, a vida dos objetos separados e os danos que causam ao meio ambiente caso fiquem expostos, sem reaproveitamento. A classificação técnica é outra informação que as mulheres oferecem aos visitantes, esclarecendo e demonstrando o que pode ser reciclado e separado em casa pelo usuário⁹:

⁷ Vale ressaltar que as atividades aqui relatadas são desenvolvidas pelas mulheres, pois o grupo é composto quase que totalmente por mulheres, e além desse aspecto elas demonstram ter mais habilidade para desempenhar estas ações.

⁸ Na pesquisa utilizo nome de flores para identificar os entrevistados, porém, alguns preferiram ser identificados pelo próprio nome, numa atitude de afirmação da identificação com o trabalho que realizam.

⁹ Nem tudo que é descartável pode ser reutilizado. Dentre os materiais que já podem ser comercializados estão as embalagens *tetrapack* (que as mulheres chamam entre elas de “leite” ou “branco”), plásticos variados (que são por elas separados de acordo com a textura e a cor), PET (que também é separado por

Uma coisa é tu veres a reportagem na televisão, outra coisa é tu vires aqui ver na prática. E a gente construiu com essas crianças (da escola Grande Oriente) isso aí. Eles vieram nos visitar, tinha tarde que vinha até cinco turmas, cada uma de nós pegávamos vinte crianças e demonstrávamos o trabalho para elas. Quando eu estive na creche, eu tive a preocupação de levar um pouco de cada material para mostrá-los. Eu esclareci que a garrafa PET, de refrigerante, tem três tipos de material que pode ser reaproveitado: a tampa, o rótulo e a garrafa. Então uma coisa é tu veres falar, outra coisa é tu veres e teres noção de como é realizado o nosso trabalho (MARIZA).

Ao ingressarem neste trabalho, estas pessoas não detinham tais informações, já que não foram para este campo levadas por uma escolha ideológica ou por uma prática politicamente correta de relação com o meio ambiente. Elas nem mesmo receberam qualquer treinamento dos órgãos públicos responsáveis. Mas fica evidente no relato acima uma sabedoria sobre como sensibilizar as pessoas para sua atividade, sabedoria na escolha do público (as crianças) e no modo como ensinar (ou seja, através da demonstração). Desta forma, as crianças apreendem a informação, e se surpreendem ao descobrirem o valor do material que é comumente descartado, comentando animadas sobre o dinheiro que poderão ganhar com o material que juntarem em sua própria casa.

Esta atividade de visitas às escolas e creches do bairro tornou-se sistemática nos últimos anos a partir da participação mais decisiva de uma liderança feminina na administração do Galpão. Esta iniciativa tem como preocupação, além de informar e incentivar a comunidade a separar seus resíduos domésticos, superar o preconceito existente em relação ao trabalho que as recicladoras realizam.

Eu fui ao Cesmar¹⁰ falar sobre Coleta Seletiva para as crianças. Eu comecei perguntando quem me conhecia e somente uma criança levantou o braço. Aí eu comecei a chamar as crianças que eu conhecia pelo nome, que são filhos de minhas colegas, e falei: vocês não me conhecem? Por que vocês têm vergonha de falar que a mãe de vocês trabalha ali não Galpão? Isso não é uma coisa feia! Feio, é a mãe não ter o que dar para os filhos comer. Daí as crianças vieram, me abraçaram e me chamaram de tia Mariza, como fazem quando me encontram na rua ou vêm ao Galpão (MARIZA).

As mulheres que ingressam na atividade de separação, trabalham sempre em parceria com uma colega veterana, que repassa as instruções sobre os materiais que devem ser separados. Os conhecimentos adicionais dessas iniciantes são adquiridos na medida em que elas vão conhecendo melhor seu trabalho. Vão agregando fragmentos de

cor), vidro (que é separado por cor), papel: branco e pardo, liso e ondulado e alumínio. Cada material tem uma utilização e um valor de mercado e todos estes aspectos são informados aos visitantes.

¹⁰ Centro Escolar Marista, mantido no bairro pela congregação religiosa Irmãos Marista. Trata-se de um espaço que oferece atividades escolares e de lazer aos moradores do bairro.

informações que escutam das colegas mais experientes e dos discursos propagados pela imprensa, que com frequência visita o Galpão em busca de notícia e que, por conta das perguntas formuladas pelos jornalistas, acabam informando também aqueles que ali trabalham.

É esta sensibilidade teórica que compreendi como interface da Educação Popular, e que pode ser identificada na fala desta entrevistada, como uma representação do saber de experiência:

Eu me criei escrevendo em papel de pão, por que nós não tínhamos caderno, sabes aquelas folhas de papel de pão? Eu escrevia ali e hoje eu digo para as gurias: gurias, eu aprendi muito com vocês aqui dentro. Eu aprendi a dar mais valor às coisas, eu aprendi a valorizar aqueles que estão ao meu lado e que muitas vezes eu não valorizava. Porque eu trabalhava fora eu achava assim, ‘ah eu tenho o que eu preciso, porque vou me preocupar com os outros?’ Eu aprendi a dividir, eu aprendi a entender as pessoas. Se eu tenho um pão e o outro do lado não tem eu reparto. Eu aprendi muito, eu aprendi a ser humilde (MARIZA).

É esta sabedoria que a entrevistada utiliza como princípio para gerir o trabalho com suas companheiras, saberes constituídos na relação coletiva, sem os quais ela aprendeu que é difícil manter a convivência. Compreender os colegas é regra básica para manter o grupo, escutar sempre o que o outro tem a dizer sem antes julgar, é outro princípio que esta liderança invoca para administrar este espaço. Estes saberes, como ela mesma declarou, foram constituídos na vida em comunidade, dando a este espaço uma dimensão de criação e de produção dos processos de convivência humana inerentes aos espaços institucionais. As habilidades administrativas, a participação em atividades públicas, a capacidade de negociação com os órgãos públicos e com os comerciantes foram constituídas na prática. Foi observando as administrações anteriores do Galpão, que Mariza instituiu uma forma de administrar fundada no Cuidado, no afeto, no respeito pelos colegas. Lendo as reações dos companheiros de trabalho a uma administração praticada com autoritarismo, compreendeu que a escuta produz um resultado melhor.

Penso que neste espaço de convivência, a Educação Popular inclui a dimensão da subjetividade humana enquanto um aspecto que agrega e corrobora para a constituição de um saber popular que se sedimenta a partir da interrelação entre as pessoas, a partir do senso comum e dos eventos vividos em comunidade. Os saberes práticos, relacionados à atividade que desempenham, é também constituído na relação com os outros e é valorizado e reconhecido pelos recicladores:

Eu aprendi tudo aqui. No tempo em que eu frequentei a escola, o lixo ainda não era um problema, nem era reciclado, era tudo enterrado. Eu aprendi tudo aqui. É importante o trabalho que nós fazemos porque com isso estamos evitando o desmatamento, evitando a sujeira, a contaminação da terra, da água e tudo isso é importante. E antes de vir trabalhar aqui eu não tinha esta noção. Eu aprendi bastante aqui, a gente sempre está aprendendo alguma coisa não é? (MARGARIDA DO CAMPO).

Este saber orgânico vai se sedimentando em microscópicas práticas cotidianas e constituindo, assim, a identificação deste grupo, como, por exemplo, ter consciência do trabalho que realizam enquanto uma prática ambiental importante, que lhes agrega valor e os diferencia de outros grupos e pessoas. Esta compreensão é formada no contexto do trabalho e da convivência no grupo, e é “espertamente” invocada por algumas quando se ressentem do tratamento recebido pela sociedade, estabelecendo diferenciação positiva entre aqueles que produzem o lixo e elas, que separam e reaproveitam o lixo.

Embora saibam que a defesa do meio ambiente interessa a muitos outros seguimentos, este grupo não se filia a outros coletivos, mesmo aqueles ligados ao movimento dos catadores. Diante disso, a Educação Popular que se realiza no grupo se diferencia de um tipo de ação voltado para um projeto político-social amplo, característica comum da Educação Popular. As ações praticadas pelos recicladores sujeitos desta investigação, e que identifiquei como Educação Popular, não estão subordinadas a um projeto de longo prazo voltado para solucionar problemas de ordem política no sentido clássico, que mobiliza a maioria dos movimentos populares. Ao contrário, este grupo está voltado para seus problemas mais imediatos de sobrevivência através da geração de renda.

Para atingir seus objetivos, as articulações do grupo se dão com organizações representativas do bairro, como as igrejas, alguns compradores de materiais recicláveis, e com empresas que apóiam a atividade de separação, destinando para o Galpão, seu material descartado. E mesmo estas ações pontuais são iniciativas que não envolvem o grupo por inteiro, mas estão, sim, centralizadas na diretoria do Galpão, não tendo, portanto, um caráter orgânico justamente por não aglutinar todo o grupo.

Sem pretender ordenar ou higienizar o Galpão, dispus-me a mirar aquele espaço com admiração e com estranhamento para mostrar o que não parece ter importância. Para ver que, entre tantos eventos, está a capacidade daquelas pessoas constituírem entre amontoados de objetos descartáveis, atitudes de afeição, amorosidade, Cuidado. Saberem

jogar com a tristeza, a tensão e os problemas diversos que atravessam a vida cotidiana, onde quer que esta se dê. Retirar o riso da tragédia diária é sem dúvida uma sabedoria que caracteriza o grupo apresentado. Lançar um olhar cômico à dor é uma forma de enfrentá-la sem se deixar subsumir nela. O que identifiquei como Saber de Experiência, Saber Orgânico e Educação Popular é nada mais do que o saber do senso comum, tecido diariamente nas relações efêmeras, nas tensões e embates diários, se equilibrando na alegria trágica da vida Cotidiana.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Popular na Escola Cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do Lixo: o relato de uma pedagogia da desordem**. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2001. Dissertação de Mestrado.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A Invenção Ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia do mal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Campinas: Autores Associados, nº 19. p. 20-28. Jan./Abr. 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **Da economia ecológica ao ecologismo popular**. Blumenau: ed. da FURB, 1998.

NIETZSCHE, Fredrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martim Claret, 2002.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2001.